

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistador(a/e): Joanna Bridi Dalla Chiesa e Alicia Magalhães

Entrevistado: Thales Fasolo

São Paulo/Porto Alegre, 12 de maio de 2025

Duração da Entrevista: 45 minutos.

Realizada via videochamada.

TEATRO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: ENTREVISTA COM THALES FASOLO

Thales:

Perfeito. Então, meu nome é Thales Fasolo. Hoje é dia 12 de maio de 2025, uma segunda-feira, eu autorizo a gravação dessa entrevista e vamo dale.

Joanna:

Let's que let's. Em primeiro lugar, eu gostaria que tu descrevesse um pouquinho, falasse sobre quem é o Thales. ... Pergunta bem fácil pra começar.

Thales:

Aham, tranquilíssimo. [risos] Eu sou... uau! Um artista, ator, cantor, uma pessoa trans, homem trans e... pu! [risos] Não sei se tem assim muito mais que isso. Eu gosto muito de gatos ... e... [risos]

Joanna:

É uma pergunta muito difícil, se definir assim sem se preparar. Muito difícil. [risos]. Mas então, se a gente for especificar um pouco, para ficar mais fácil para ti, eu queria que tu tentasse me contar um pouquinho sobre a sua relação com o teatro, como começou, as primeiras memórias que tu tem disso...

Thales:

Tá, perfeito. Na época da pré-escola já, tipo, a gente fazia apresentaçõezinhas e, assim, a primeira lembrança que eu tenho com o teatro, na parte de atuar, digamos assim, foi que a gente fez uma apresentação, acho que sobre meio ambiente, ecologia e tal. E eu fiz um peixe morrendo por causa da poluição de um rio. [Risos]. E foi por algum motivo, aquela imagem e aquela situação ficou muito grudada na minha cabeça. Mas, tipo... Ah, durante o colégio, a gente fazia... Tinha aulas de expressão corporal e a gente fazia ceninhas e improvisações. E

tinha apresentações de final de ano e não sei o quê... Mas eu comecei a, tipo... Eu realmente comecei a fazer teatro sabendo que era teatro, acho que na quinta série, quando eu entrei numa extracurricular do colégio e meio que assim me apaixonei, me encontrei e fiz teatro pelo resto da minha época do colégio, do Fundamental até o final do Ensino Médio. Até a pandemia começar, né? Que daí eu tava no meu último ano e a gente fez uma ceninha só pra uma aula de filosofia naquele ano, porque tudo

online. Aí o teatro online é meio foda, de fazer....

Joanna:

Eu imagino.

Risos ambos

Thales:

Mas aí, tipo, fui desenvolvendo conforme a gente ia praticando e fui gostando mais e mais da coisa e pegando mais jeito pra coisa. E daí agora sim é um dos pilares da minha vida mesmo. É a forma de expressão criativa que eu mais gosto, eu acho. Eu desenho também e eu continuo desenhando, mas é muito mais por hobby... E o teatro é a forma que eu gosto de me comunicar com as pessoas e de sentir que se cria uma conexão.

Joanna:

Quando tu falou sobre essas aulas de expressão corporal, quando tu era pequeno, eram aulas já extracurriculares ou tavam no currículo do colégio?

Thales:

Tavam no currículo do colégio.

Joanna:

Nas aulas regulares mesmo? Tipo de educação física?

Thales:

Acho que uma vez por semana. Tinha educação física... É, era antes de educação física. Tinha expressão corporal nos anos iniciais.

Joanna:

Entendi.

Thales:

Antes, a gente começava a jogar com esporte e tal. Era mais movimentação do corpo e noção de movimentação e tal.

Joanna:

Tá, e tu acha que isso te deu uma base sólida pra começar no teatro? Ou não foi tão impactante?

Thales:

Eu acho que foi um bom primeiro passo, uma boa introdução. O teatro, assim, não era o foco das aulas de expressão corporal. Era uma coisa um pouco mais branda, digamos assim. Tipo, a gente tinha montagens de peças, assim, especialmente eu lembro de uma que a gente fez numa festa junina. Então, era, tipo, uma roda, e a gente fazia um teatrinho do Boi Bumbá e não sei o quê, sabe? Então, tinha, assim, era uma boa base, assim, mas não necessariamente teria sido... Não sei necessariamente se essa foi a grande intenção, sabe? Mas... é.

Joanna:

Tá. E aí tu me contou um pouquinho sobre essa história do... quando tu interpretou um peixe morrendo nesse teatro ecológico. Tem alguma outra... alguma outra peça que tenha te marcado nesses anos iniciais?

Thales:

Ah, nos anos iniciais, acho que não. Acho que mais quando eu entrei no extraclasse mesmo e comecei a fazer teatro como parte. Assim, a parte do currículo que, tipo eu tinha. A gente começava a fazer peças com base em improvisação, então a gente ia contando histórias e a professora ia, tipo, escrevendo o roteiro com base no que a gente improvisava e, sabe, tecendo a narrativa desse jeito. E eu lembro que teve uma vez que a gente pegou um texto pronto, que foi da gata borralheira, que é uma recontagem da Cinderela. E eu lembro que eu fui a gata borralheira. Eu, inclusive, peguei o vestido de casamento da minha mãe pra fazer o vestido do baile. E tive que dançar com um amigo meu. E foi muito esquisito. Porque a gente tava, tipo... A gente era umas crianças. Mas depois a gente fez mais uma peça autoral, assim, com base no improviso. E em que eu e duas amigas minhas, a gente era os vilões. E a gente queria que uma de nós fizesse um papel masculino. E eu lembro que quando surgiu essa ideia, eu pensei: “cara, eu quero muito que seja eu”, mas acabou sendo uma outra amiga minha, só que eu fiquei com aquela minhoquinha na minha cabeça, com aquela ideia meio fixa, assim, de... Eu quero fazer um papel masculino, eu não sei porquê, mas eu quero fazer um papel masculino. E acho que já foi direto no ano seguinte que eu comecei a realmente questionar o meu gênero e tal. E daí, eu fui atrás e fiz um papel masculino no 9 ano do fundamental, que era o início do ensino médio, claro né. Foi o primeiro musical que a gente fez, que foi Grease. E por eu ser um dos mais novos do grupo, que daí, já era o grupo do ensino médio que eu fazia parte que então era o grupo representativo, já não era mais considerado extraclasse, mas era um grupo especial. Assim, então, não tinha que pagar pra fazer parte, você tinha que ser meio que escolhido pra participar e daí a professora... Porque a gente fazia teatro, fazia muito tempo, a professora falou: “ah, vocês podem ir já, vocês já estão velhos o suficiente pra entrar.” A gente entrou e eu fiquei **[grunhido de felicidade]**. Daí eu fiz meus primeiros papéis masculinos e tava meio brincando com o meu gênero na época, assim me descobrindo e tal. E foi assim, muito importante. Depois, a gente fez Shakespeare. No ano seguinte, a gente montou o Sonho de Uma Noite de Verão. E daí sim, eu já estava mais acomodado na minha identidade como uma pessoa trans. E eu consegui fazer o papel do Lisandro, que era um dos caras que faziam os casais atenienses lá da peça. E o Lisandro foi muito importante na minha formação [risos], porque foi muito importante para a minha noção de futuro... e de saber que seria também a construção da minha masculinidade. Eu acho que é a melhor forma de eu botar. Eu não precisava ser um homem padrão, aquele pilar de masculinidade tradicional. Eu podia só experimentar e ser como quer que eu seja, e sendo teatral, e sendo dramático, e sendo meio afeminado. Não tem problema, sabe? Tudo isso conta como masculinidade também.

Joanna:

São.. é... Eu acho que diferentes camadas dessa performatividade de gênero, né? E eu acho muito interessante que tu traz isso muito forte. Eu me arrepiei um pouco. Mas... E aí eu queria pensar um pouco contigo, essa questão de terem havido personagens que te permitiram experimentar coisas que, de certa forma, não podiam aparecer no cotidiano de alguma maneira. Então, tipo, tu levava pro palco, experiências internas tuas?

Thales:

Sim, exatamente. E faço isso até hoje. É muito mágico, assim. É uma das minhas coisas favoritas do teatro, eu acho. É tipo, o estar no palco. E daí eu trago o palco porque eu normalmente atuo com o palco italiano, né? Então, é aquela imagem mais tradicional quando tu pensa em um palco, em um auditório e em um teatro. E, pra mim, o estar em cima do palco é um dos lugares mais confortáveis que eu posso estar, porque eu posso pegar qualquer partezinha de mim e ampliar e fazer uma coisa grandiosa... e uma brincadeira... e expor qualquer coisa, sabe? E meio realmente ser quem eu quiser ser. E criar versões diferentes de mim. E brincar com esses personagens que não existem, mas habitam o meu corpo naquele momento. E daí eu... Nossa, teatro é muito legal! Eu recomendo muito.

Joanna:

Ah, cara, é lindo de ouvir isso, sério. Ah... E aí, nesse sentido, a partir do 9 ano, tu começou a experimentar outras performances de gênero. E tu tem feito isso desde então, né? Depois disso, tu não voltou a interpretar personagens femininos?

Thales:

É, acabou que não. Quer dizer, voltei. Teve uma hora que eu voltei. No segundo ano do ensino médio, a gente fez os Miseráveis, nesse grupo de teatro. E quando a gente estava decidindo os personagens, eu trouxe que eu queria fazer a Fantine. Porque eu já estava há dois anos fazendo personagens masculinos, e isso estava sendo um ponto de atrito com a minha família. E eu senti que a Fantine ia ser uma boa personagem pra tipo, a gente... eu e ela, a gente seria o que a gente precisava naquele momento, sabe? E quando eu trouxe pro grupo que eu tinha algum interesse de fazer personagem, tipo, tinha mais gente que queria fazer também. Mas a gente fazia audição só quando realmente precisava. E daí, quando eu expliquei a minha situação, meio que o pessoal concordou: “não, tu faz a Fantine, então, e a gente divide o resto.” E foi muito curioso, assim, porque o pessoal soube separar bem quando era personagem, quando era eu. Então, não tinham momentos de... eu acabei ficando muito menos inseguro, fazendo o papel feminino. E até vendo as fotos, depois, eu fiquei tipo... não, eu pareço um homem de vestido mesmo, não tem problema.

Joanna:

Parecia mesmo. [risos]

Thales:

Pois é. E eu tinha uma peruca comprida e, quando eu levei essa peruca comprida pela primeira vez...

Porque a Fantine começa de cabelo longo e depois ela corta o cabelo no meio da peça... E quando eu botei essa peruca pela primeira vez em ensaio, meio que teve uns colegas do grupo que ficavam tipo: “mas quem é essa pessoa que chegou agora que ninguém conhece?” E daí eu virava, tirava a peruca e eles falavam: “caralho!”

Joanna:

[Risos]

Thales:

E foi muito mágico, porque realmente a Fantine entrou na cabeça da minha família muito bem, sabe? E deu uma acalmada na situação em casa, de uma forma que eu esperava que fosse acontecer, mas eu não tinha certeza de que seria tão efetivo. E eu gostei muito de fazer a Fantine, porque é interessante tu voltar a performar a feminilidade daquele jeito, especialmente em palco, em que as coisas são mais enfatizadas... elas são mais... tipo, se transformam meio em caricatura. Fazer um papel feminino de novo, depois de tentar tanto tempo performar masculinidade da forma certa, entre aspas, é tipo... foi interessante porque eu fiz personagens masculinos em os Miseráveis também, tipo personagens terciários, mais de encher palco. Então, poder brincar com essa noção de gênero em palco, com a liberdade que eu tive, foi muito interessante. Eu sinto que eu aprendi bastante... e fui ficando mais confortável comigo mesmo também.

Joanna:

E sobre os impactos que isso teve fora do palco? Tipo, depois de interpretar personagens masculinos ou femininos. O que tu leva quando tu desce do palco? Tipo, tu sente que talvez alguns trejeitos permaneçam, tu queira que eles permaneçam por mais tempo? Alterações no modo de falar, na voz?

Thales:

Sim, nossa, que pergunta boa! Sim. Porque no palco, embora seja uma versão mais grandiosa das expressões de gênero do dia a dia, tu acaba testando o que passa e o que não passa, o que conta como feminino, o que conta como masculino, e o que as pessoas consideram como uma expressão válida, digamos, ou uma expressão aceitável. Então, acaba que eu fui testando durante aqueles anos o modo de caminhar, o modo de se portar, o modo de falar... tipo, os movimentos com os braços e não sei o quê. E tudo isso eu fui também adaptando a minha forma do dia a dia, meio com isso, em consideração, com certeza. Porque eu tento não... tipo eu tento respeitar a minha diversidade e não mudar a minha essência para tentar caber no conceito que as pessoas por aí têm. Mas eu também quero existir de uma forma que não seja desconfortável em sociedade. E daí... o teatro me ajudou a encontrar esse balanço, essa harmonia.

Joanna:

Quase como se fosse um ensaio da vida.

Thales:

Exatamente.

Joanna:

Tá, maneiro. E aí eu acho que essa pergunta tá praticamente respondida, Mas ainda assim eu vou fazer. Seria tu ver, então, o gênero como... um ambiente de performance também.

Thales:

Com certeza! Com certeza.

Joanna:

Então, Isso significa que existe um trânsito maior entre o que é gênero e... tu já falou um pouco disso, eu só...

Thales:

Sim, sim! A gente reitera.

Joanna:

De existir esses ambientes, em que... masculinidade não é uma coisa única e definida segundo aquilo que a sociedade prega, de um homem másculo que não chora, que é forte e que bebe cerveja e... E uma mulher que é feminina e que é leve. Tipo, são coisas a serem questionadas.

Thales:

Sim, com toda certeza. E o teatro brinca muito com isso. Sempre brincou muito com isso, sabe? Tipo, lá nos tempos antigos, o teatro era uma coisa que apenas homens podiam fazer. Então, os homens faziam papéis femininos, também. E tava tudo certo. E daí a mulher começou a fazer teatro, e daí, todo mundo brinca com os gêneros e... fazem papéis masculinos e femininos, independente do gênero, que tem, e, às vezes, isso é considerado, tipo, comédia, e às vezes, é levado a sério, e, às vezes, tem alguma coisa, alguma crítica a ser feita, e, enfim. Aí é uma parte mais da teoria do teatro que eu... reconheço que eu não tenho assim tanta base, porque eu mais faço teatro do que estudo, teatro ainda. [Risos] Mas essa brincadeira do gênero sempre... realmente faz parte do tecido do teatro, sabe?

Joanna:

Eu acho que mais importante agora do que pensar realmente essa teoria do teatro e tal, eu queria entender como é que funciona na prática para a ti, né? Então, o teatro, ele é esse ambiente de experimentação...

Thales:

Sim, com certeza.

Joanna:

E o palco ele já foi, ou hoje em dia, ele é um lugar em que tu se sente mais seguro de se expressar do que no cotidiano?

Thales:

Ah... Depende, assim, dos círculos que eu tô, mas... ah... no geral, eu acho que no palco, é tipo, eu... [suspira] vou ter que pensar um pouquinho.

Joanna:

No seu tempo.

Thales:

É tipo, no palco, por eu estar sendo um personagem... eu acho que tira um pouco da pressão do tipo, o julgamento que cai... quando cai, não é sobre mim, é sobre o personagem. Então, é mais fácil de brincar e de explorar e de testar coisas e ver o que tá certo e o que não dá. Porque tira essa... essa pressão que eu acho que eu sinto no dia a dia de não errar, não fazer nada errado, de tá sempre fazendo tudo certinho, do jeito que tem que ser. E o teatro te dá esse espaço... me dá esse espaço de realmente abaixar a pressão e fazer o que for.

Joanna:

É quase que, como se, além de ter esses papéis determinados aos quais tu tem que se encaixar, também fosse um ambiente de autoconstrução do teu eu?

Thales:

Nossa, perfeito. Perfeito.

Joanna:

Tá. Então, seguindo um pouco nessa vibe, será que tu tem algum exemplo prático, alguma coisa que tenha te marcado, um personagem que tenha te atravessado mais nesse sentido de construção da tua identidade?

Thales:

Ah... O primeiro que eu penso, assim, é realmente o Lisandro. Porque era uma época que, assim, o meu cabelo tava mais compridinho, tava, mais do jeito que ele tá agora. E, tipo, todo o palco era todo cheio de flores e a peça era toda cheia de flores. E embora o personagem do Lisandro seja uma masculinidade mais tradicional, ele ainda é uma masculinidade teatral. E assim, foi... ele foi muito importante para mim, de uma forma que eu não consigo... eu acho que eu não tenho ainda as palavras para descrever... ah, da melhor forma, mas foi meio com ele que eu descobri qual a imagem que eu quero pro meu futuro. Assim, que tipo... eu tinha muita dificuldade, mais assim no meu primeiro ano de transição, eu demorei muito para ter um nome. Porque eu queria que eu escolhesse um nome que fosse tipo... ah, que eu me identificasse de verdade. Que eu pudesse bater o olho no espelho e falar esse nome em voz alta e me identificar com ele de verdade. E que eu conseguisse imaginar uma versão de mim no futuro com esse nome. E foi com a ajuda do Lisandro, como personagem, que eu fui descobrindo, tipo, qual imagem que se forma quando eu penso no meu futuro, sabe? É. Mas agora também eu tô fazendo Tick Tick Boom, né, na UFRGS. E a gente vai ter as apresentações. A gente já apresentou, em dezembro do ano passado e vai apresentar mais agora, mês que vem. E eu faço muitos

personagens diferentes na peça. O principal que eu faço é o Michael, que é um homem gay. E eu até apanhei um pouco nos ensaios, assim, porque... tipo, a forma como eu me expesso é uma masculinidade mais neutra, assim. E o meu diretor falou, tipo... “tá, tu tá fazendo bem, mas eu quero que tu faça o Michael mais gay.” Aí eu fiquei, caralho, como eu faço um personagem mais gay, sendo que eu sou um ator trans, tipo pré-transição, a única transição que eu tenho é social, sem que isso me feminilize demais, a ponto de parecer uma mulher? Foi um balanço difícil de se fazer, mas acho que a gente conseguiu. Então, mudar só alguns trejeitos, deixar assim um pouquinho mais de... deixar ele um pouquinho mais sarcástico, um pouquinho mais ácido, mas ao mesmo tempo, tipo, manter ele no controle, Não sei o quê. E, nossa, foi difícil. E eu faço alguns papéis femininos também na peça, que apanhei muito pra fazer. Porque, por algum motivo, não tava entrando na minha cabeça que eu tinha que fazer essa senhora, que é agente do protagonista. E, por algum motivo, eu demorei muito pra desbloquear essa senhora dentro de mim.

Joanna:

[Risos] Mas ficou incrível, também.

Thales:

Obrigada. Demorou, mas deu certo. A gente consegue tudo no final.

Joanna:

Mano, tu mandou demais em Tick Tick Boom e nos Miseráveis também. E eu acho que preciso te dizer o quanto é lindo ver tu conseguindo transitar entre essas diferentes personalidades, mas ainda te ser tão definido, sabe? E eu fico muito, muito contente, sempre que eu te vejo feliz e se expressando da forma como tu se sente, sabe? E é muito lindo.

Thales:

Te amo, amiga.

Joanna:

Também te amo.

Thales:

Tá tudo gravado. [Risos]

Joanna:

Mas é um ambiente de estudo também, então... sim, obviamente, né? Porque tu vai fazer a faculdade de teatro e vai estudar pra caralho, mas de estudo de ser no mundo também. E, como costuma ser a devolutiva que tu tem da plateia, dos espectadores, como se constrói essa relação?

Thales:

Costuma ser muito boa... costumo receber muitos elogios.

Joanna:

É que tu é foda pra caralho, né? [Risos]

Thales:

Ah para... Mas eu percebo assim, em relação de gênero, normalmente, as pessoas mais velhas costumam ficar um pouco mais confusas quando vão se referir a mim. Especialmente dependendo do papel que eu faço, mas meio que assim, o povo mais novo, a galera que regula mais atividade comigo, ou que é mais novo ainda, porque agora a gente já tem... ah.

Joanna:

Agora a gente é velho. [risos]

Thales:

Agora a gente tá velho. [risos] Tipo, eu acabo recebendo uns elogios um pouco mais neutros, de vez em quando. Tipo, as pessoas pegam que tem algo de transgênero no ambiente. [Risos] Mas, dependendo de... claro, quem já me conhece, já me conhece. Não tem dúvida. Mas... Costumam me tratar mais assim de maneira neutra, quando não tem certeza, que eu aprecio, também, porque melhor, né? É bom saber quando... eu sei que eu não passo o tempo todo como homem, e eu não faço todo esse esforço também, porque de novo, não quero fingir ser uma coisa que eu não sou, não quero me forçar dentro de uma caixa que é ainda mais limitante do que a caixa de mulher. O pessoal tende a ter uma noção de masculinidade, que é muito mais... É muito pequena. É muito pequena. Então, eu até aprecio quando, se a pessoa não tem certeza, ela prefere só não me botar em nenhuma caixa e deixar aí. Eu fico, é isso aí.

Joanna:

Então, o quanto que isso te atravessa? Tipo, o quanto disso tu leva pra casa quando uma pessoa não sabe muito bem lidar com como se referir a ti fora do palco, meio nesse ambiente de confusão, de neutralidade, o quanto... te toca?

Thales:

Assim, como tudo na vida, depende muito do dia, Eu tenho dias que eu fico mais sensível com isso e que meio que fica na minha cabeça, tipo, essa ideia de que as pessoas não me levam a sério e não me veem do jeito que eu sei que eu sou. Ou que eu não tô convincente o suficiente, ou que tem alguma coisa que eu tenho que mudar, enfim. Mas a maior parte do tempo eu levo numa boa. A maior parte do tempo, tipo... Porque é uma coisa que sempre foi minha, e que daí, quando eu entrei no teatro, ficou um pouco mais forte, Eu acho. Ter muita noção da minha aparência e ter muita noção da forma como eu sou lido e recebido no mundo afora. E, como eu disse, tem dias que me bate meio, me atravessa, eu sei que eu não estou ainda na minha versão final digamos assim. Uma das minhas metas para esse ano é começar testosterona. E eu estou segurando agora, porque eu ainda preciso da minha voz funcionando com estabilidade. E a testosterona vai fazer com que ela... Flutue e mude. Então eu quero pelo menos ficar fora do teatro musical um tempo por causa disso, pra deixar minha voz se assentar.

Enfim, mas tem dias e dias, dias e dias. Às vezes eu chego em casa e choro, mas a maior parte do tempo foi eu recebo, aceito e sigo em frente.

Joanna:

E acho que, só para fechar, queria saber se tem alguma cena, em particular que tenha te marcado nesses atravessamentos entre gênero, identidade, performatividade, Se tem algo que... foi impactante pra ti ao longo dessa tua trajetória e reitero que foi uma trajetória muito bonita, porque tu é muito foda.

Thales:

[risos] Obrigada meu bem. Puts..., uma cena é difícil. Eu acho que é muito mais a ideia de manter a flexibilidade, de passar de um gênero para o outro, de uma percepção para o outra.

Às vezes, diversas vezes na mesma peça. Tipo, que não é uma coisa ruim. Na verdade, é uma força. É um ponto positivo. E é uma coisa que eu sei que eu não quero abrir mão. Mesmo, tipo, quando eu estiver mais à frente na minha transição. Porque é muito divertido. E é muito bacana. Eu não quero limitar os personagens que eu quero fazer com base no gênero deles. Eu quero poder brincar e fazer quem for e me permitir ser qualquer coisa em cima do palco e ser bem recebido com isso, sabe?

Joanna:

Eu vejo muito um papel quase de subversão desses... dessas identidades, tu fala um pouco sobre adotar características mais sarcásticas ou uma teatralidade de gênero grande e tal. Tu quer entrar um pouquinho mais a fundo nisso e falar sobre esses limites que tu costuma romper quando tu tá atuando. E esse é... chega a ser, tipo, revolucionário, essa indagação desses gêneros que... Ih, travou. Voltou, agora?

Thales:

Eu parei no revolucionário. Tá.

Joanna:

Tava falando sobre esse caráter de questionamento, dessa indagação de gênero e o quanto ser mulher é isso que cabe numa caixinha e ser homem é isso que cabe em outra. E que eles não se fundem, que não se atravessam. Eu queria te ouvir um pouco mais sobre isso, se tem alguma coisa em específico que te faz escancarar esses questionamentos e trazer isso para o público.

Thales:

Claro. As grandes frases: “gênero é uma performance” e “gênero é um espectro”, e eu acho que isso se torna presente no teatro, mais do que em qualquer outro lugar, assim, porque, especialmente agora no Tic Tic Boom, na fase de criação de personagem e tal, de se assentar no corpo de cada personagem e tudo mais. Tipo, no começo, enquanto eu tava fazendo o Michael, eu tava pensando muito mais dentro da minha cabeça, tipo... o Michael é um homem. Eu preciso ser um homem. Eu preciso ser um homem. Eu preciso ser um homem. Eu preciso ser um homem. E daí, quando o meu diretor falou: “tá, ele é um homem, só que ele também é gay. Eu preciso que ele seja um pouquinho mais afeminado que isso.” Eu

comecei a dar uma brincada com, tipo, especialmente o sentir no corpo. Algumas coisas tidas como mais femininas, tipo, tu se apoiar em uma perna só e ficar com o quadril meio assim, ou quando tu vai te sentar, como tu cruza as pernas. E o cruzar de pernas foi assim, é uma das características mais fortes do meu Michael, especificamente. Porque eu queria que ele... eu, como eu cruza as minhas pernas, eu tento cruzar as pernas na forma de um 4. As pernas meio abertas. E pra mim, isso é natural. Só que isso no palco é lido, quanto mais aberto fica as tuas pernas, mais masculinidade frágil tu tem. E eu queria que o Michael fosse um pouco

mais feminino e um pouco mais confiante em quem ele é. Então, eu fechei a perna o suficiente pra que, tipo, ele não esmagasse as próprias bolas, mas ele, tipo, fechasse as pernas mais e ficasse mais com o cruzar de pernas de uma “mulher”, entre aspas. E pra mim, foi um grande despertar no meu entendimento de personagem deles. Então, acaba que o meu corpo e o corpo do Michael são muito mais parecidos do que eu achei que eram, inicialmente. Porque eu também sou um homem feminino. Então, tipo, ele gesticula de uma forma que é natural pra mim. Mas que quando eu vou fazer, tem um outro personagem secundário que eu faço, que é um macho escroto. E daí com ele, eu pego toda aquela masculinidade tóxica que eu conheço muito bem. E eu só expremo que nem um limão. E o suco é aquele personagem lá que eu vou fazer em uma cena só. E aí eu faço uma patricinha em uma outra cena, que aparece também só em uma cena. E eu pego toda aquela... aquela feminilidade assim caricata, faz um suco dela e é aquela mulher em você. Então ela fala mais agudo e ela tem uma expressão assim e ela fica olhando as unhas e ela toda meio... não tenho nem palavras, mas ela gesticula de um jeito meio forçado...

Joanna:

Meio nojentinha.

Thales:

Meio nojentinha, bem, nojentinha. Na minha cabeça, ela é uma loira.

Joanna:

Peraí, nem toda loira, nem toda loira não.

Thales:

Nem sempre uma loira, sempre uma loira. E saber que tipo a plateia lê. Esses personagens, essas caricaturas da forma como eu quero, que leiam, sabe, o meu corpo não mudou. Eu não ganhei peso, não perdi peso, A cor da minha pele não mudou, meu cabelo continua igual. Eu tô de óculos, tô sem óculos, tipo, a cor do meu olho não mudou, As minhas feições não mudaram. É só a forma como eu me expresso, a forma como eu uso meu corpo, como eu me movimento, o tom de voz que eu dou pro personagem, que faz com que a plateia me receba de maneira completamente diferente.

Joanna:

E como você se sente em relação a isso? Tipo, é uma coisa que é positiva pra ti? Saber que tu pode, que tá na tua mão e tu controla, como a plateia te recebe?

Thales:

Sim. Nossa, é assim, é uma das minhas coisas favoritas. E é um negócio que eu quero continuar desenvolvendo e trabalhando. Porque eu quero ser o tipo de ator, que é versátil. Que é moldável. E que se encaixa em qualquer papel que tu quiser botar. É muito importante para mim essa versatilidade e eu acho que é um desses pilares que eu tenho para a minha vida. Eu quero ser o tipo de pessoa que tu bota em qualquer situação e eu me dou bem. Então, o teatro é só uma área na qual isso é importante para mim,

Joanna:

Mas aí ele acaba espelhando e gerando reflexos na vida cotidiana?

Thales:

Sim, com certeza. E daí eu tenho momentos que eu me sinto mais seguro de um jeito ou de outro. E daí eu controlo o meu portar. A minha movimentação, a minha voz. De tal forma que eu vá caminhar pela rua e me sentir bem o suficiente. [tosse] Desculpa. Porque eu ainda tenho espaços que eu não sou eu. Que eu tenho que brincar, de ser outra pessoa. Especialmente assim, na minha família. Ou, às vezes, com estranhos. E tipo, é só outro lugar em que essa versatilidade é importante. Pra mim e pra minha segurança. Pelo menos no teatro, é divertido. [Risos]

Joanna:

Acho que o que eu tinha pra te perguntar era isso. Eu queria saber se tem alguma coisa que tu gostaria de acrescentar que não foi comentada aqui ou qualquer coisa.

Thales:

Acho que não, As perguntas foram muito bem formuladas, parabéns. Gostei muito dessa entrevista.

Joanna:

Ai que bom.